

Director e editor  
**Pedro Bordallo**

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--27 de Fevereiro--de 1930

Redacção e oficinas  
?. da Rosa, 57



1937

STYART



**ZE POVINHO - O ETERNO CHÈCHE...**

# A fita "Ver e Amar" no São Luiz



Ben-Hur...ico Braga triunfou de Messala — e da sala... ás moscas

Eu nunca tinha, como se diz em vernáculo, posto os coutos num estúdio cinematográfico. Isso não me impedia, é claro, de apregoar a minha competência sobre o assunto, aparentando ser tu cá, tu lá, com essa misteriosa caixinha arco manivela a que os técnicos franceses chamam *moinho de café*. Mas, em boa verdade, eu não acreditava que houvesse grande diferença entre uma câmara cinematográfica e uma câmara municipal, entre uma tomada de vistas e uma tomada de corrente, entre um operador de cinema e um operador eléctrico.

A minha primeira visita ao estúdio do São Luiz foi portanto uma verdadeira iniciação. O sr. Leitão de Barros dirigia, ao tempo, a realização de *Maria do Mar*. Naquela dia, famoso para mim, filmavam-se as scenas da inspecção militar. O nú artistico dos recrutas impressionava-me. O homem da manivela teve um trabalhão para me explicar porque carga de água, olhando pelo buraco trazeiro do aparelho cinematográfico, a pente não via... aquilo que a I. G. E. não queria que a pente visse.

Também me custou imenso a perceber para que serviam umas latas muito grandes com luz lá dentro, que faziam ainda mais barulho que claridade, e a que os técnicos presentes chamavam *parafusos*. Disseram-me que era para se ver melhor na fita. Mas parece-me que seria muito mais pratico, se que o aparelho não tem boa vista, pôr-lhe uns óculos. Foi para isso que inventou o sr. dr. Lopes de Sousa, uma certa ração.

Não se descreve o meu contentamento quando o sr. Chianca de Garcia me convidou a assistir à fumaçagem das scenas de nas do filme *Ver e Amar*.



Nunca viam as estreias? Aqui têm duas: Heloisa Clara e Celeste de Oliveira

No estúdio reinava a mais animada actividade e a mais ferrea disciplina. Estavam ali internados todos aqueles maniacos que, embora inofensivos, julgam poder fazer cinema com lamparinas, fita panorâmica e boa vontade. O nosso feroz jornalista compreendeu imediatamente a brilhante serie de entrevistas que as circunstancias nos permitiam realizar. Sem tirar nem guar-te, abordámos logo o sr. dr. Ricardo Jorge, perguntando-lhe as suas impressões:

— A mim nada me impressiona — disse-me — tanto mais que já não sou eu quem paga...

E afastou-se... Eu precisava de impressões e não de falta delas. Dirigi-me portanto ao sr. Chianca de Garcia. Esse, parecia muito impressionado. Na testa, ostentava as insignias da seita da pala verde. Confessou-me:

— Se me vejo livre disto nem quero crer. Portugal é um país de doidos! E agora, se me dá licença,

não aproveito esta beata não ha quem o ature.

Era o dr. Horta e Costa.

A seu lado, Vitor Lopes coflava o bigode postigo e assestava o monoculo não menos postigo. Virou-se para mim:

— Sabe? Vou deixar crescer o bigode. Fica-me muito bem.

E como fôsse a sua vez de entrar em scena, recomenda ao operador:

— O' Salazar: não te esqueças do flou! Ouviste? Não te esqueças do flou!

Enquanto se filmava, Bernardo Marques, Fredkradefes, Carlos Botelho e Rocha pincelavam os cavallinhos de Ben-Hur, as letras para o quadro da valsa, construíam pudins com baldes invertidos e apetitosos frutos com lampadas fundidas. Felix Ribeiro afinava, desde a vespera, a *maquillage* de Heloisa Clara.

Tentei despertar de mansinho a «esperançosa esperança» (cha-



## CHIANCA DE GARCIA — «O homem sem vícios e sem virtudes» que conseguiu realizar «Ver e Amar» a trinta dias... de vista.

vou ali dar uma descompostura ao Salazar Denis.

Salazar Denis é o que se chama um operador de péso e um homem com as costas largas. Também de pala, andava a pôr os arcos voltaicos segundo as necessidades luminosas:

— Acenda lá isso tudo, ó Correia.

Esta frase é o *Fiat Lux* (novo modelo 514) do estúdio do São Luiz. O Correia fez a luz. Mas foi como se a não tivesse feito, porque o operador declarou, sereno e implacavel:

— Não chega.

Ouviram-se protestos:

— Ha de chegar.

— O' Salazarzinho, olha que eu não posso mais! Já ha três dias que não vejo ao homem e que estou aqui de péso em péso para fazer um *gros plan*? Já fumei todos os charutos que eram para a scena, ás escondidas do Chianca, e se

mam-lhe assim, porque passa os dias à espera de entrar em scena) para pedir-lhe alguns dados da sua biografia. Mas o minuscuro *make-upman* sacou dum letreiro em que se lia «PINTADO DE FRESCO» e colocou-o, olhando-nos severamente, pendurado ao pescoço da vedeta.

Acabara de entrar Erico Braga! Em sinal de regosijo, algumas lampadas rebentaram, imitando salvas. Erico Braga dirigiu-se imediatamente a Chianca de Garcia, declarando:

— Tenha paciencia; sr. Faria, mas eu tenho que me ir embora. Não posso esperar mais tempo. Vocês não tem a minha vida!

E foi-se. Perdi assim uma entrevista sensacional. Não descrevo as cenas que se passaram a seguir ao momento em que Manuel Luis Vieira, sobrecarregado algumas bobinas de filme positivo.

— Trazes fita?



Um Messenas das scenas mudas (Daquela «massa» é que se fazem...)

— Deixa vêr!

— Que tal ficou o meu *gros plan*?

— Rebentou a minha scena?

— E a luz?

— Não me diga que tenho de fazer outra vez a scena do quarto!

Na impossibilidade de poder traduzir aquela linguagem sibilina, fui-me chegando para a porta. No caminho cruzei com um senhor de côco que me disse:

— O senhor é des jornais? Então, faça-me um favor: não ponha o meu nome! Se me quizer fazer um grande favor não ponha nunca o meu nome! Olhe: se você fôsse uma cara direita, substitua-o pelo emblema da Philips Radio.

Raul Reis abandonara o grupo dos assaltantes, carregado com a sua celebre maquina neurofotografica. Quando passou por mim, resmungava:

— Isto é tudo uma bodega! Assim não me entendo! Ora bolas!

E saiu.

Sai também, temendo algum conflito. Comigo saiu o meu colega Retardador, vestindo uma das suas camisas cor de cacau sem asucar. Já na Rua Antonio Maria Cardoso, disparou-me:

— Acredite, meu amigo: isto de fazer cinema sem megafone nem apito não sai nada de geito. Reparou? O Chianca nem sequer se pôe de côcoras!...

E entrou na Garrett para comer o seu terceiro lanche.

L. DE BRAGA.



A vida do filme não envelhece este simpatico doutor em leis

## UM INQUERITO

## O que pensam do Carnaval

## os empregarios e artistas teatrais?

Fizemos um inquerito — um inquerito ajustado à temporada que atravessamos. Ouvimos os que trabalham no teatro e os que o dirigem.

A pergunta foi só uma:

«O que pensa do Carnaval?»

Recebemos as respostas que abaixo publicamos. Elas dizem bem do estado actual do teatro. Cada um, a seu modo e com os seus pensamentos, disse-nos o que sentia.

Adeante. As respostas, é claro, foram-nos entregues, sem intuito de ser publicadas. No entanto, como a época é própria para indiscrições, aqui as estampamos. Que os inquiridos nos releiam e que os leitores sorriam, é o nosso desejo... Não temos pretensão de fazer rir... Isso foi chão que deu uvas. Os humoristas portugueses foram a enterar com Ernesto Rodrigues, com Henrique Roldão, com André Brun... Hoje ha um resto... um resto, muito pequeno, de humorismo, que por aí alardeia de gente grande...

Nem ao menos ficaram discípulos... nem sequer imitadores. Que ponha o dedo no ar, aquele que pretende ou julga ter graça? E' o pôes! Escondem todos as mãos, quando ouvem a nossa pergunta.

Começemos pelos empregarios. A' cabeça do rol, figura José Loureiro, o arrojado contratador de companhias, de quem e dalem-mar, Senhor do Trindade, do Apolo e do Avenida e de si proprio.

Fala JOSÉ LOUREIRO:

— Penso do Carnaval o melhor possivel. E' cie — este ano mais do que nunca — o meu grande salvador. Acabo com duas companhias que iam dando cabo de mim. Bem-dito Carnaval! — mais depressa devias ter vindo! Se me vejo em quarta-feira de Cinzas, nem acredito!

Fala LUIS PEREIRA:

— Aquela «trindade» (não vejam nisto piada ao José Loureiro) de atrizes que me caiu em casa, dispostas a salvar o teatro português, atirou comigo novamente para os braços das Gretas Garbos... e dos Ramons Novarros. Foi necessario um «complot» para me desfazer dela e para me indicar o caminho a seguir...

Cheguei a ter fé na Aranha. Cheguei a julgar que ia ter um novo Domador de Sogras... Ilusões! Mas o Carnaval surgiu. Apareceu-me como por encanto. Nem de encomenda cie veio... E resolvi deitar abaixo o Carmo e a «Trindade».

O que hei de pensar do Carnaval? Mas muito bem. Tomára eu que em todos os negocios me apparecesse um Carnaval pela prôa. Volto-me para os artistas que veem na lata, esses não falam nem metem vales...

Fala ARTUR EMAUZ:

— Não vê o publico julgar que durante os quatro dias do Entrudo tem entrada no Variedades pelo preço das senhas. E' o tensi...  
— Penso que se fosse pra cá não me dá... não me dá... Para...  
— Não me estraguem o arranjinho... que tanto custou a limpar!



Chaby, pedindo esmoia para Maria Mates e Auzenda de Oliveira, duas

actrizes que ficam, depois do Carnaval, talvez a "paz de pilulas..."

Apesar de tudo, gostava que houvesse um Carnaval por mês. Sempre eram quatro dias que davam o que me dá, nos outros meses, uma semana.

Fala RICARDO COVÕES:

— Se o Carnaval não chega tão depressa, estava perdido. Só companhias de circo tive durante um mês: oito ou nove. E se me lembro de mandar vir o preto mais cedo tinha a esta hora de o pintar de branco, para fazer outra «troupe» de arte moderna...

Fala LUIS RUAS:

— O Apolo — ainda não sei bem — ou o deitam abaixo ou vai à praça. Seja como for, o Apolo vive enquanto eu viver. Eu podia lá viver sem o Apolo! Talvez no Carnaval o publico saiba onde é o meu velho teatro. Tem estado tão abandonadinho! Só por isso — só pelo fenomeno de voltar a encher aquela velha sala — penso bem, muito bem mesmo, do Carnaval.

Fala ADELINA ABRANCHES:

— És, e ano é d'alto abelso! Hei de dançar todas as noites de Entrudo. Já não sou empregaria ha muitos anos, mas sinto ganas de o voltar a ser, só para contrariar o Felix Correia. Seria sempre o meu par. Dança tão bem o pequeno!

Fala LUCILIA SIMÕES:

— Gosto do Carnaval. E' a ocasião de pôr á prova o talento do Eriko. E ainda não ha como ele, para arranjar uma revista... e para misturar as graças com os numeros de sentimento. Põe a calva á mostra a muito revistheiro...

Fala PALMIRA BASTOS:

— Penso do Carnaval o pior possivel. E' mais uma época que vejo passada... sem poder mostrar ao publico o que valho...

Fala AMELIA REI COLAÇO:

— Penso que se fosse pra cá não me dá... não me dá... Para...  
— Não me estraguem o arranjinho... que tanto custou a limpar!

Fala MARIA MATOS:

— Tanto trabalho, para quê? A Aranha foi a minha desgraça. Mal empregado tempo que perdi em traduzi-la! Penso do Carnaval... Ora o que hei de pensar, depois do que fez o Luis Pereira? Penso que acabou a companhia e que tenho de arranjar outra...

Fala AUZENDA DE OLIVEIRA:

— Não sei o que penso. Dissolvevram-me.

Fala AURA ABRANCHES:

— A comedia da vida, no Carnaval, ainda mais se pode observar. Nem tudo pode ser maré de sorte...

Fala BERTA DE BIVAR:

— Não gosto do Carnaval. O José não pode representar como sabe. E ninguem sabe melhor do que ele...

Fala ILDA STICHINI:

— Penso que podia estar a ganhar oito contos, pelo menos, por mês... e, afinal, estou em casa... como se fosse a Rosa Engeitada...

Fala ESTER LEO:

— As peças, na minha companhia, são em folhetins... Todos os dias uma... Por culpa minha? Não. E' que o repertorio é muito grande e eu tenho de o mostrar todo.

Fala BEATRIZ COSTA:

— O sucesso não me cega. Vou até Paris vêr coisas e depois direi o que penso do Carnaval... em terras de França. Sou pequena, mas hei de chegar onde chegam as chamadas grandes... Devagar se vai ao longe...

Fala ALVES DA CUNHA:

— Teatro moderno? E' o representas. Fiz as Vidas Cruzadas. A peça devia antes chamar-se Trabalho escusado. O Carnaval costuma ser o meu salvaterio. Espero que este, o seja tambem. Para meu bem e para dar de comer a esta gente. Se me apanho em Lisboa, não me dá... não me dá... Para...  
— Comecei no Cartaxo a época e não sei onde a acabarei. Uma temporada inteira na provincia.

Fala CHABI FERREIRO:

— Comecei no Cartaxo a época e não sei onde a acabarei. Uma temporada inteira na provincia.

Depois ilhas. Ando á roda da capital. Sinto-me borboleta á volta da luz. O que penso do Entrudo? Sei lá! Se me apanho a dormir na minha cama até me parece um sonho!

Fala ERICO BRAGA:

— Julgam que percebem disto? E' o percebem. Sou o artista mais generico de Portugal... e do Brasil. Faço tudo e bem! Já tenho dado bastantes provas... Arrazo-os com o Chevrolet... com a fita e com estes espectaculos do Carnaval...

Fala ROBLES MONTEIRO:

— As obras dão comigo em doído. Nem tempo tenho para pensar numa resposta ao inquerito. O Carnaval, que é um verdadeiro budo aos pobres empregarios, para mim é uma migalha no oceano de notas que tenho gasto. Emfim, cá vou governando o barco, como sei e como posso...

Fala ESTEVAM AMARANTE:

— O diabo, afinal, não era tão mau como o pintam. Foi ele a minha ancora... O Carnaval é, para mim, este ano, melhor do que foi o ano passado... Se lhes parece?

Fala ALFREDO RUAS:

— Cá ando de teatro em teatro. E' uma peregrinação. Parece que aprendi, com os meus cães, a saltar! E uma coisa que nós, artistas, necessitamos é de estabilidade... O que penso do Carnaval? Que tenho de dar mais um salto. E' pela certa... mas, já estou habituado!

Fala ALEXANDRE DE AZEVEDO:

— Nem o tiro que levei, fez réclame á minha companhia... Já é...

Fala JOAQUIM ALMADA:

— Se o Casa Pia não sobe mais uns pontinhos no campeonato de foot-ball, não respondo ao inquerito.

Fala ANTONIO PINHEIRO:

— E' um «crime» se a peça não for ensaiada por mim. Depois de tanto trabalho e de tanta arrelia, até julgo que o Carnaval veio fóra de tempo... Este ano detesto as brincadeiras...

Fala CARLOS LEAL:

— O histrião e o propagandista da marinha nada tem que ver uma coisa com a outra...

Fala ASSIS PACHECO:

— Sou, na companhia dos homens grandes (refiro-me á altura, dos meritos não me compete a mim falar) o mais pequeno. Nem por isso estou para traz na arte de Talma. Penso do Carnaval que me «pegaram» uma grande massada... porque o papel tem quilometro e meio...

Fala CARLOS DE OLIVEIRA:

— Velho, não! Antigo e não muito. Ha-os com menos idade que parecem mais gastos... Tomaram eles... terem visto representar como eu... ainda mesmo durante o Carnaval. No meu tempo, os grandes não trabalhavam no Entrudo. Hoje são os que trabalham mais. Outros tempos...

Fala HENRIQUE DE ALBUQUERQUE:

— Com que razão fui eu que tive a culpa?... Isso tambem eu quis...

O HOMEM DAS 5 HORAS.

# CHÊCHÊS

—Dá cá uma pançadinha ao velho, leitor amigo. Não tens vontade de rir, não estás para folias, não queres brincadeiras? Ora não sejas tolo, dá ao diabo as tristezas que são como tu, porque não pagam dividas, e não estejas a presumir de pessoa séria.

Põe um nariz postiço e não digas nada à família, que nem tua mulher te conheça-rá.

Vem d'ái, alma do diabo, e vamos divertir-nos. Julgas que não? Tu sabes lá o que a gente se vae rir de ver tanta gente aborrecida a fingir que se diverte. Olha, leitor mazombo, ó meu cara-de-ent-terro, dizem que ha Carnaval na Avenida, com batalha de flores e tudo. Tu não acreditas? Pois então fica sabendo que é como te digo.

Ha até uma grande batalha de flores, uma grande guerra de alegria e de *confetti*. Quando lá chegarmos, logo te convencerás ao ver aqueles foliões arrastando os cadáveres como se fossem autenticos mortos da guerra... da guerra da alegria e de *confetti*, todos mortos antes da batalha.

Vem d'ái, meu quarta feira de cinzas, que aquilo vae ser uma coisa de arromba. Has-de ver no corso mais catorze automoveis, mais de seis cavaleiros a Marialva e muito mais de trez camions ajaezados a papel de seda, para não falarmos nas carroças puchadas a mulas lazarentas, muito impantes e cheias de si,



# O NOSSO CORTE



como se fossem trens de luxo para casamento rico. Se calhar nem lá faltam os carros de colunas das agencias funerarias, porque isto do carnaval lisboeta é uma coisa tão alegre que até os mortos se levantam e voam com as suas equipagens à romaria. Só tu que estás vivo e são como um pero, com grande magua da

tua sogra, é que te negas ao regabofe.

Não tens que jantar? Dá cá uma pançadinha ao velho, que sempre é alguma coisa para a barriga.

Não tens casa para dormir? Viver num vilo de cocada? Não tens tu. Ora bolas, meu pateta. Se não tens casa também não pagas reuda, nem aturas o se-

nhorio a pedir-te um aumentosinho.

O vilo de escada sempre vilo e uma escada sempre para subir. E ainda te queixas, meu palerma!

O negocio não te rende nada, mas tu estás sempre a pedir mais tens as relações de aturar os freguezes, do paga-

# CARNAVALESCO

# CHÊCHÊS



peças, mas o teu rico dinheirinho.

Eles acham-te graça e riem-se e tu passas por actor, actor ou empresario, porque elas, como tu, tambem não teem graça nenhuma e a gente paga-lhes para nos fazerem chorar, o que é bem peor.

Não tens fato? Ainda bem para ti que estás livre de ouvir a tua mulher a ralar por causa das nodoas e ficas em tudo equiparado ao pae Adão, aquele Adão da biblia, cuja cara metade nunca teve de lhe passar as calças a ferro.

Vamos, anda d'aí, meu perú de monco caído, vamos a qualquer parte, vamos aonde tu quizeres, á Tabúa ou a Palmela, com tanto que te vejamos rir, meu portuguezinho valente, filho do fado choradinho.

Admiras-te de não vêr outros chêchês na rua? Não sabes a razão? E' porque, neste país de chêchês como tu, os chêchês de Carnaval já não se tornavam notados, ninguem dava por eles e eles foram se despir desiludidos, quando viram toda a gente ás pançadinhas porque todos queriam chegar á gamela em primeiro lugar.

Já que és um trouxa como os outros, diverte-te como eles.

Põe uma cabeleira de rabiço, põe uns oculos de lata, põe vermilhão no naris, arranja um chitre bem retorcido, se o não tens, e dá cá uma pançadinha ao velho.

Não queres? Pois então vae sosinho, vae á merda se gostas mais.

as letras, de fazer as contas e de dar casacos de lontra ás tuas amantes, que, logo que lhe tenhas dado dois casacos, te incluem na numero dos bilhetes. Pois, meu velho, se...

por ai fóra. Vamos aos Clubs onde ha mulheres como tu nunca tiveste nem terás, nem que te cases mais trinta vezes, a não ser que por lá encontres a tua: E, se a encontrares, tanta melhor. As col...

Não sejas palerma, meu gato pingado, ri-te, ri-te como os

outros, que tambem se riem sem vontade nenhuma.

Ri-te porque estamos no Carnaval e tu não podes andar contra os tempos.

A' noite vamos aos teatros. Levam lá peças para rir, mas ei lá tu podes chorar e vontade. Se te esqueceres, se te increparem, explicar-lhe-has, que não choras por causa das



## Os azares de "mister" White

Estavamos no verão. New-York, a dos arranha-céus e avenidas numeradas, a New-York dos réclamos luminosos e da lei seca, sua-va por todos os póros.

Mister White, um simpático yankee que Deus fadara para grandes vãos, no regresso do Texas, hospedara-se num dos muitos hotéis da cidade.

Naquele dia, a doença refinara, e Mr. White tinha andado num corripio, de café em café, para neles se utilizar dum lugar privado que a decencia obriga agora a omitir o nome proprio.

Já ao almoço percebera que o dia lhe não ia correr bem, porque o tempo seria escasso em demasia para satisfazer os caprichos intestinais. Todavia, a coisa tinha ido além das suas previsões, e o que ele contava resolver em três ou quatro vezes — prolongava-se já a uma dezena bem contada.

Porém, ai por volta das 7, Mister White sentiu melhoras. Encaminhou-se, pois, para o hotel, com o melhor dos seus sorrisos.

Mas — oh céos! — quando Mister White ia a transpôr uma das portas da casa de jantar, eis que uma nova guinada o fez compreender que a coisa não estava tão boa como parecia.

Chamou o chefe dos creados e disse-lhe da aflicção.

— «Tenha paciencia — retorquiu-lhe o creado. — O jantar só se serve até daqui a cinco minutos. As pessoas que estão dentro da sala, muito bem. As que vierem depois dessa hora já não podem ser servidas».

Ante a perspectiva de ficar sem jantar e porque o temporal amalnara um pouco, Mister White entrou na sala. Sentou-se.

Momentos volvidos, um creado, que parecia um automato, começou a servi-lo e White a comer com certo apetite.

Na sala havia um calor tropical, que uma ventoinha grande — uma daquelas grandes ventoinhas de madeira que se veem por ai — collocada no tecto ao meio da sala, amenisava um pouco.

Ou porque a comida lhe não caisse bem no estomago ou porque, apesar da ventoinha, o calor voltara a transtorná-lo, o certo é que Mister White sentiu novos indícios de tempestade e teve de sair apressadamente da sala, a meio do jantar.

Galgou a quatro e quatro a escadaria que levava aquele lugar privado de que ha pouco falei. Mas, por infelicidade, os compartimentos estavam todos ocupados.

White suava em bica e estava duplamente White: branco no nome e no rosto.

Subito, porque as ameaças intestinais eram brutalissimas, teve uma idela. Encaminhou-se então pelo corredor fóra e entrou num compartimento onde se viam sacas, barricas, garrafas, etc. Estava na arrecadação do hotel.

Apressadamente, tirou fóra o casaco e propunha-se a amainar o temporal mesmo ali no sitio onde estava, quando seus olhos descobriram no chão uma argola de ferro.

Então, respeitando um pensamento que demora mais tempo a transmitir ao papel que a lê-lo, puxou pela argola e levantou um grande pedaço de madeira. Pensou logo: faço isto aqui... volto a tapar esta coisa... e pronto.

Dito e feito... Depois, aliviado como vosselencias devem calcular, tornou a vestir o casaco, desceu a escada e voltou á casa de jantar.

Com grande espanto seu, a sala, que deixara cheia, estava agora vazia e havia imprecações por todos os lados.

Serenamente, Mister White, alheio ao que se passara, dirigiu-se para a sua mesa. Esperou uns minutos e creado nem eu. Então, vendo passar perto de si o gerente do hotel, disse-lhe um pouco agastado:

— Então o jantar?!  
— Eu quero lá saber do jantar — disse o gerente. — O que eu queria saber é quem foi o malandro que foi c... na ventoinha!

PEDRO DE NELAE.

## O CARNAVAL



Cocotes, sacos, cometas,  
Carapuças, rabos, pêtas,  
Serpentinas, papelinhos,  
Pôs, bisnagas, estalinhos,  
Tremoços, feijões, arelas,  
Almoços, jantares, ceias,  
Gritarias, risos, troças,  
Automoveis, trens, carroças,

Gestos, murros, bofetadas,  
Caras sujas, mascarradas,  
Gracejos, vaías, malicias,  
Chefes, cabos e policias,  
Certas coisas mais... e tal  
E eis o nosso Carnaval.

RUI CÊO.



lutava o homem dos tempos primitivos contra as feras, seus inimigos naturais. Hoje o destino apresenta-nos peores inimigos. A cada momento somos atacados por dôres de todas as especies. E a arma mais eficaz n'esta luta é a CafiAspirina. Com a sua ajuda vencerá V. Exa. esses espiritos malignos das dôres de cabeça, dentes e ouvidos, nevralgias ou enxaquecas. Os comprimidos de CafiAspirina ajudam as Senhoras a suportar os incomodos periodicos. Esteja V. Exa. sempre prevenido e não deixe que falte jamais em sua casa um tubo de CafiAspirina.

# CAFIASPIRINA



A venda em todas as farmacias.



No proximo numero publicaremos a critica do

## "Portugal-França"

Queréis dinheiro?

Jogai no

# Lama

Rua de Amparo, 51 — LISBOA  
Sempre sortes grandes!



**Não me conheces?**

— Procura-me!

Telefone T. 2627

Que  
delícia!**DOCTOR HILLERS**

Pastilhas alemãs diversas

Frutas sortidas, laranja, limão, Ariosan, Peppermint e Eucalipto-mentol

A' venda em todas as boas casas que se presam

**Dr. HILLERS A.-G. GRAEFRATH**  
ALEMANHA**Questão de amor...**

Hora do chá. Perfumes de Mertola e canções de Bufalo são os numeros mais que atractivos dessa grande Boa Hora, onde muita gente se derrete, ao deparar com o W. C. do respectivo largo. Iniciais mais que demonstrativas que as revoluções intestinais estão na ordem do dia ou da noite, quando não são regularizadas...

Percebeu o leitor alguma coisa do preambulo? Nem o autor, que está farto de objectos literarios.

Ora, pois...

... a Colombina oferecera o seu chá... de parreira ao seu Poli... Chinelo antigo.

Colombina, á moderna, sabe viver, sabe usufruir todos os prazeres desta vida barata em que o Bacalhau é Rei e cujo extracto serve para chamar forasteiros... aqui á bacía de Cascais.

Colombina, mulher perfida que prefere, por vezes, o Ar... Alceirim ao Pié... Rotineiro de todas as malaguenas, teem em volta das suas mesas portateis muitos cavalheiros de industria e senhoras de cabeça no ar, isto é, de cabelinho cortado á Ninon.

Todos os circunstantes tomam chá... de parreira, como acima aludimos. Mas... — ora aqui é que está o mas — a serviçal, plena de amores por um homem de montar, quere cavalos, quere bicicletas, quere ainda camélos, em lugar da deliciosa e perfumada bebida, puzera no bule, nada menos, nada mais, por distracção, um pacotinho de «Veritas» — passe o reclamo.

Resultado: ás duas por três, todos os convivas, o proprio Poli... Chinelo, dando pancadinhas dolorosas á sua Colombina, gordalhuda e farfalbante, gritavam a plenos pulmões, invocando o Bocage: «Ela de sair! Ela de sair!»

... e todos os convivas, entre os convivas de Mertola e canções de Bufalo, cantavam, dar uma nota...

... e todos os convivas, entre os convivas de Mertola e canções de Bufalo, cantavam, dar uma nota... e todos os convivas, entre os convivas de Mertola e canções de Bufalo, cantavam, dar uma nota...

**Maneiras de fazer...**

Quando Marfeu lhe demonstrou querer tomá-lo nos braços, Pereira dirigiu-se corajosamente em direcção ao hotel.

Feitas as necessarias lavagens, deitou-se pouco depois e, como de costume, com a janela aberta, adormeceu. Eram duas horas da manhã.

O que o Pereira senhou não sei.

O certo que ás pelas 5 horas da manhã, quando os gales da vizinhança começaram a cantar, Pereira acordou com uma forte dor de barriga.

Por longos minutos suportou a dor, com preguiça de levantar-se e ir á chamada W. C. que se encontrava um pouco longe do quarto.

Mas as dores apertaram e o Pereira, preguiçoso por sair do quarto, resolveu estender no chão um pedaço de jornal, onde depositou, melhor, onde se aliviou do peso.

Depois, cuidadosamente, embrulhou tudo nos restos do jornal, pôs aquela trapalhada a um canto e deitou-se.

O cheiro, porém, não era nada agradável e Pereira, furioso, levantou-se ás escuras, agarrou no embrulho com o «alívio» e atirou-o com força em direcção á janela.

O azar, porém, quiz que o embrulho, em vez de seguir pela janela fóra, como ele desejava, fôsse pespegar-se no tecto do quarto.

O Pereira notou-o mas, não tendo maneira de tapar a falta — adormeceu.

Horas depois, o caixeiro levantou-se e foi á vida. Voltou para almoçar e via-se nele um ar comprometido, o ar de quem estava á espera duma reprimenda do dono do hotel pela «infamia» cometida. Mas, em vez da cara carrancuda que esperava, Pereira verificou que o hoteleiro olhava para ele com um certo ar de curiosidade.

Quando o almoço, dirigiu-se o caixeiro ao homem:

— V. desculpe aquela coisa lá no quarto...

... e todos os convivas, entre os convivas de Mertola e canções de Bufalo, cantavam, dar uma nota... e todos os convivas, entre os convivas de Mertola e canções de Bufalo, cantavam, dar uma nota...

**O que é o Carnaval**

O Carnaval, meus senhores, é um velho gaiteiro que teima em parecer novo. Sem graça, sem vida, não deixa, no entanto, de se mostrar três dias no ano, para regalo das meninas romanticas e das mascaras pelintras.

O que é e do que consta já todos sabem. Apesar disso, vamos tentar reproduzir, em fracos instantaneos, alguns dos seus aspectos. Muitos vão tremidos, outros velados, mas a culpa foi nossa: — Ao vermos tanta falta de graça e tanta pobreza de espirito, começamos a sentir frio e acabamos por chorar.

Ai vão algumas provas dos clichés que tirámos:

**Nas ruas:**

Mascaras pelintras, tunas desafinadas, cégadas e chéché. Uma menina escrofulosa, do alto dum quinto andar, deita um penacho de papel para cima da cabeça dos transeuntes.

As senhoras ouvem graças tão pesadas que fariam suar quatro galegos...

**Na Escola Politecnica:**

A imensa piada de sempre. Os carros electricos sofrem tratos de polé. A Escola é cercada pela policia e os portões são fechados. Como veem, é divertido.

**Nas meninas e meninos:**

Bailes consecutivos, que lhes dão o lindo aspecto de desenterrados. Declarações de amor, em série. Como é Carnaval, e um dia não são dias, pode-se brincar um pouco mais a dançar...

**Nos «grupos recreativos»:**

Festas brilhantes. Abrindo estas, um pequeno discurso, que começa quasi sempre assim:

«O Carnaval, meus senhores e minhas senhoras, é a mais bela e expressiva manifestação do progresso que a nós, miseros mortais, é dado ver!...»

**Nos jornais:**

Grandes reportagens dos festejos carnavalescos. Algumas considerações a proposito do Rei-Mômo e a sua decadencia. Na primeira

pagina, os retratos de todos os mascarados — sempre gentis e interessantes... — que fizeram a visita da praxe ao jornal.

**Nos clubs:**

O costume. Jazz, ceias e bailes. Confetti, balões e serpentinas. Champagne nas taças e nas cabeças. Cocottes de areia... e das outras.

**No Coliseu:**

Mais lampadas na cúpula que estrelas no céu. Cinco bailes em três dias. Duas orquestras, a desafio, tocando valsas e polkas dos tempos dos Afonsinhos!...

**Nas fabricas de bisnagas:**

A principio: Luto geral. Bandeira a meio pau.

Depois: Mutaçao de scena. Uma alegria louca. Tudo embandeirado em arco. Vivas ao Carnaval.

**No Avenida Palace:**

«On soupe et on dance toute la nuit». E' proibido o uso dos lança-perfumes e dos papelinhos!!

Os festejos são muito melhores do que o anuncio dos mesmos, publicado nos jornais, redigido numa tremenda misturada luso-françesa...

**Na Avenida:**

Meia duzia de carros atraz uns dos outros fazem o ensaio geral dum acompanhamento de enterro...

Nos passeios, o Zé Povinho procura descortinar o Carnaval!

**Na semana:**

Um feriadinho a mais. Gazeta na segunda-feira. Na quarta-feira de Cinzas agradável sensação de quem se viu livre dum fardo...

**Na bolsa de cada um:**

«Déficit» apreciavel originado pelas consequencias do Carnaval.

**Em conclusão:**

Depois de tudo isto, é tal o estado de consternação em que nos encontramos que não foi possivel concluir: «O que é o Carnaval». Deixamos esse trabalho aos nossos leitores, que o farão consoante os seus gostos e opiniões.

**INVEJOSOS!...**

# OS CASIMAN

O carnaval chegou e os casimanes já estão a desfilar pelas ruas da cidade. A população está a sair às ruas para assistir a esta festa tão alegre e divertida.



O carnaval chegou e os casimanes já estão a desfilar pelas ruas da cidade. A população está a sair às ruas para assistir a esta festa tão alegre e divertida.

O carnaval chegou e os casimanes já estão a desfilar pelas ruas da cidade. A população está a sair às ruas para assistir a esta festa tão alegre e divertida.



O carnaval chegou e os casimanes já estão a desfilar pelas ruas da cidade. A população está a sair às ruas para assistir a esta festa tão alegre e divertida.



O carnaval chegou e os casimanes já estão a desfilar pelas ruas da cidade. A população está a sair às ruas para assistir a esta festa tão alegre e divertida.



O carnaval chegou e os casimanes já estão a desfilar pelas ruas da cidade. A população está a sair às ruas para assistir a esta festa tão alegre e divertida.